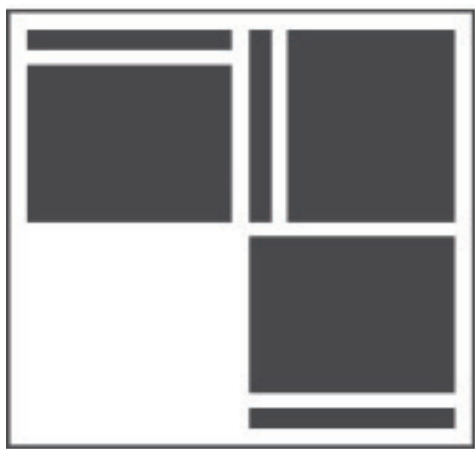




AS BRINCADEIRAS DE ANTANHO

Eduardo Fontes

As brincadeiras das crianças, naquele tempo, eram inocentes, artesanais, de bolas feitas de meia, de petecas de palhas de milho, enfeitadas com penas, rodas de ferro com apoio de arame, jogos de bilas e muitas cantigas folclóricas, sem autoria definida. Nas caladas o jogo da macaca fazia a alegria da gurizada, e o lançar arraias no céu, feitas por mãos habilidosas por habilidosos meninos, munidos de papel de seda, cola e talos de coqueiro, enfeitava os céus de verão de julho, mês de férias escolares... Tudo muito simples e singelo. “O três, três passarás, se não for o de diante, há de ser o de detrás...” “O anel que tu me deste era vidro e se quebrou, o amor que tu me tinhas era pouco e se acabou...” “Ciranda, cirandinha, vamos todos cirandar, vamos dar a meia volta, volta e meia vamos dar...”

Nessas brincadeiras, do canta lá, canta cá, nas noites de lua cheia, sem luz elétrica nas casas, nem no único poste da rua, nasciam os amores inocentes do afagar de mãos e do olhar pidão às meninas-moças de vestidos simples, que só muito depois conheceriam a moda das calças compridas.

E havia também as festas juninas matutas, o julgamento do Judas, o soltar balões sem medo da polícia nem de provocar incêndio em alguma mata desconhecida. Havia a fartura do milho, do pé de moleque, da pamonha e do aluá, feito em casa, com todos os ingredientes de uma boa bebida. Não se trocara o São

João matuto pelas fantasias espanholas de agora, nem as genuínas músicas da quadra pelos forrobodós de hoje...

O “seu” Benone, morador de nossa rua, todo ano, festejava o São João e promovia o julgamento do Judas, diante de uma razoável plateia.

Em comemoração às festas juninas, meu pai todo ano comprava pistolas coloridas, bombas chilenas, traques, vulcões que eram acesos sobre um banco, e faziam a alegria nossa e de toda a criançada da vizinhança...

Transcorridos junho e julho, era hora de esperar a chegada dos meses terminados em bro, que acenavam com a proximidade do Natal, que dava à cidade um ar festivo, de ruas com lâmpadas multicoloridas no centro, vitrines enfeitadas para a escolha da mais bonita, e de uma ceia caseira com o peru da festa, após a Missa do Galo, celebrada pontualmente à

meia-noite, e não às 20 horas, como hoje, por conta da violência ditada pelos novos tempos...

Papai Noel era uma figura mítica, e não mistificada como nos dias atuais, quando se tirou o mistério da figura encontrada em todo lugar e a qualquer hora. Papai Noel, naquele tempo de “eu menino”, só era pressentido de manhã, quando se olhava para debaixo da rede, e lá estava o presente deixado por ele na sua visita noturna e invisível aos olhos.

Por muitos anos, costumávamos, eu e minha mulher, colocar debaixo da rede de nossos filhos adultos, para surpresa e alegria matutina, o presente deixado por Papai Noel para cada um deles...

Hoje, há uma escassez imensa de sonhos e de ilusões, pois tudo é desvendado e mostrado a nu pelos novos instrumentos destruidores de sonhos e de fantasias necessárias à vida.

MEMÓRIAS DE UM OFICIAL NAS PRIMÍCIAS II

CARNAVAL NO RIO

Cristóvão Naud

FLANANDO EM REDOR DO POEMA

Anderson Braga Horta

Pode-se se dizer que a poesia é um estado d'alma. Mas a poesia pode ser também o delírio da forma (ou, como recordo tê-lo escrito alhures, a dança das palavras). Talvez ela seja, em verdade, isto e aquilo, além de algo mais que nos foge à razão como o éter por entre as estrelas. Sou capaz de apostar que algum poeta não tão ajustado aos eixos preferiria defini-la como um sinal de menos...

Não sei. Eu mesmo tenho falado, de arte e, particularmente, de poesia, tanto assim quanto assado, e não me parece que asseverar ou calar tenha tido o condão de mudar um mícron que seja o meu caminhar pelas veredas do verbo.

Verdade, verdade, poesia se vive ou se inventa, nem saberia dizer se ganha a invenção, patamar por que se luta, ou se prepondera a vida, por natural, real e simples (às vezes nem tanto...).

Vamos convir em que estamos lidando com duas visadas aparentemente opostas, mas que se combinam, se completam quicá, em dosagens que podem variar ao infinito.

No texto poético de Eduarda Chacon Rosas a alma suplanta a forma. (Ou seria a forma que se lhe ajusta?) É aproximadamente assim que a percebo e recebo, sem pôr nessa percepção ou nesse receber a menor complicação teórica ou o menor viés valorativo.

É, portanto, de espírito e sentidos desejadamente livres que me aproximo dela, convidando o leitor a fazer o mesmo.

Posto isso, mergulhemos nela, se possível de corpo e alma, pois é como se deve agir (ou pelo menos o proponho) diante do poema que topamos em nosso flamar pelo país da Palavra.

Falando descontraidamente sobre esta obra de estreia, diz Eduarda mesma: "não é um livro de poemas, mas um extrato e um retrato de minha alma". Simplicidade é o que ressuma do texto e do comentário da poetisa. Mas não vá alguém se iludir imaginando uma simplici-

dade tosca. Nada disso.

Desde o título, a Autora se confessa ca-leidoscópica, sugerindo uma multiplicidade de focos e de modos em seu ver-o-mundo e uma compatível variedade temática. Advogada, estudiosa de IA (inteligência artificial), seus temas compõem um painel bem vasto, o que não é de espantar numa cultora, ainda que jovem, do gênero poético. Sim, o ser do poeta afigura, não raro, uma ânsia de abranger o mundo e a vida.

Estes poemas visitam desde os enredos da vida até os rincões obscuros da morte, figuras admiradas como Vinícius de Moraes, acaso o destino, os meandros do eu e do amor, passando pelo erotismo de um moderno "Soneto da Menina no Parque", as alegrias da família, modulações da religiosidade e tomadas vibrantes da pátria – Brasília, o Rio de Janeiro (neste enfatizando nossa cultura, sobretudo nossa música), nordestinidades... Escusada a demora em enumerações e exemplificações, deixe-se ao leitor o privilégio de ir desvelando o painel quadro a quadro.

Eduarda diz o seu poema numa linguagem despida de erudições, de marcas da "sintaxe lusíada", mas hodierna, direta; não na "língua errada", mas na "língua certa do povo", numa espécie de coloquial elevado (se me é perdoável usar com alguma liberdade a citação bandeiriana da "Evocação do Recife").

Tudo, é bem de ver, formando um conjunto banhado de uma aura clara e suave.

E exposto fica por que saúdo a adesão dessa investigativa pena aos influxos da poesia, augurando-lhe ao vencer deste recente portal a conquista de novas e profundas aventuras do espírito.

Não quero fechar este proêmio sem me declarar profundamente feliz de ter merecido à nossa novel poetisa um soneto de ingênita generosidade, de pura sensibilidade e da mais fina delicadeza – qualidades que reputo entre as primeiras que ostentam a poesia como a pessoa de Eduarda Chacon Rosas.

Soneto do Mês



SONETO

João Ribeiro

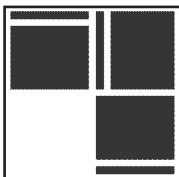
Dentro de um bosque nemoroso errava sobre um solo de trevos a mesquinha, a dríade que eu louco procurava galgando montes, na loucura minha.

Mas quando eu vinha a deusa recuava, ia-se embora a deusa quando eu vinha, por ela tantas vezes eu passava, quantas por mim ela passado tinha.

Nisto a trompa de caça emboco... e o alento da tuba estruge, a dríade estremece, corre, do curso a cabeleira panda...

Deuses! Sabei que a fúria do instrumento que o vale abranda e os bosques enternece, não a enternece nem seu peito abranda.

(Seleção de Napoleão Valadares)



Associação Nacional de Escritores

www.anenet.com.br

SEPS EQS 707/907 Bloco F – Edifício Escritor Almeida Fischer
CEP 70390-078 – Brasília – DF

Telefones: (61) 3443-8207 / 3242-3642

E-mail: contato.anedf@anenet.com.br @associacaonacionaldeescritores

31ª DIRETORIA
2023-2026

Presidente: Fabio de Sousa Coutinho

Vice-Presidente: Roberto Rosas

Secretária-Geral: Sônia Helena

1º Tesoureiro: Gilmar Duarte Rocha

2º Tesoureiro: Ariovaldo Pereira de Souza

Diretora Cultural: Sandra Maria

Conselho: Anderson Braga Horta, Edmilson Caminha,
José Carlos Coutinho, Danilo Gomes, José Peixoto Jr,
Kori Bolivia e Napoleão Valadares

JORNAL da ANE nº 131 – julho / agosto 2025

Conselho Editorial

Anderson Braga Horta, Sônia Helena e

Fabio de Sousa Coutinho

Programação Visual

Rosângela Trindade e Cristina Cardoso

Revisão

Napoleão Valadares

Toda colaboração não solicitada será submetida ao Conselho Editorial.

MEMÓRIAS DE UM OFICIAL NAS PRIMÍCIAS II

CARNAVAL NO RIO

Cristóvão Naud

Ser convidado a passar o Carnaval e mais uns dias no Rio de Janeiro é muito excitante, recebendo diárias, ainda melhor. Quanto mais para um calango seco do cerrado, de vinte e poucos anos, que adora vida ao ar livre, praia e música.

Eu não tinha um ano de casa, quando recebi a proposta. Era viagem de trabalho, mas não pude deixar de pensar naquelas passistas, as charangas de boteco, a vibração dos metais pelas ruas, e toda aquela alegria voluptuosa. Trabalhar, sim, mas aproveitar para viver nas horas vagas, por que não?

Foi minha primeira viagem a serviço. O ministro de Estado iria tirar uns dias de folga, mas, para certos cargos, em todo descanso é hora de trabalho, como se sabe. No caso do Ministro das Relações Exteriores, era necessário mantê-lo informado do que corria por esse nosso mundo crítico. Montava-se então uma Série Chanceler, ou seja, uma DTI itinerante, com a seleção de uns poucos funcionários bem eficientes que se encarregariam de repassar ao ministro os telegramas, principalmente os de teor político, recebidos de nossas embaixadas.

A Divisão de Transmissões Internacionais era como um cofre, tinha só uma porta de entrada e ocupava um quarto do sexto andar do Anexo I, conectada ao sétimo por uma escada interna. Embaixo ficavam os operadores e a chefia, em cima funcionava a lanchonete do Seu Quintino e o SAT, Setor de Assistência Técnica, onde trabalhavam os mecânicos responsáveis pela manutenção das máquinas, até a transição das eletrônicas para o mundo digital. Era uma turma muito boa, de pescadores, peladeiros,ERVEJEIROS, piadistas e, principalmente, viajantes. Voavam o mundo consertando e instalando aparelhos, códigos e sistemas de comunicação. A atividade era tão intensa que em Genebra havia um centro somente para atender os postos da Europa e arredores. Ainda me lembro de muitos deles aqui da sede, o Roberto, o Cosme, Seu Pinto, Pedrinho, Bolinha, Seu Walter....

Os universitários éramos muito bem recebidos por lá. Rolava uma boa prosa. O finado Isaías integrou nossa equipe. Ele e o Manuel Bezerra, colega ainda na ativa, o presidente da nossa associação.

Antes de partir recebemos as pertinentes instruções, com a recomendação de que o pessoal do Escritório de Representação no Rio de Janeiro não deveria participar da missão. Em tempos duros de exceção todo segredo é pouco. Éramos três para receber as mensagens triadas na DTI, decifrar e preparar as coleções diárias a serem entregues ao então chanceler Azeredo da Silveira, o Silveirinha, assim chamado não sei se pelo tamanho, pela simpatia no trato, ou qualquer outro motivo. Nunca soube, mas, pela estatura política, certamente não era.

O procedimento seria como nos plantões da DTI, que funcionava 24 horas por dia, 365 dias por ano, unidade onde se digitavam todas as minutas do MRE, previamente datilografadas e até rabiscadas. Em dias de semana, expediente dividido por cinco turmas em turnos de 4,5 ou 5 horas. Nos fins de semana, quando a gente queria ir para o clube comer feijoada e tomar caipirinha, os plantões regulares eram de 6 horas, uns dois por mês, per capita, ou bem mais, para quem precisava, porque tinha um troco de 60 cruzeiros, que era pouco, mas ajudava. Os telegramas da época se classificavam em ostensivos e reservados, que poderiam ser transmitidos em claro, e, confidenciais e secretos, obrigatoriamente cifrados. Havia ainda o secreto-exclusivo que só podia ser lido pelo chefe de turma, pelo chefe da divisão, e pelo Ministro de Estado e seus assessores – assim como pelo operador das máquinas, obviamente. E por um ou outro abelhudo eventual, que sempre tem. Em casos mais urgentes, fazia-se uma cópia, que era guardada em envelope lacrado para ser levada em mão por algum funcionário de confiança até a Península dos Ministros, em sedã de serviço. Fui designado umas duas vezes, à noite. Era bom para sair da monotonia, parar de teclar e tomar um ar fresco.

No presente caso, a coleção tramitava sem esse frescor. Seguiria por outras vias.

Aterrissamos no destino, e ainda vejo Seu Américo, nosso homem no Galeão, por cima das esteiras rolantes, desembarcando o pesado e volumoso equipamento despachado como mala diplomática. Em seguida, fomos conduzidos pelo motorista do ERERIO ao hotel Novo Mundo, tradicional residência provisória de presidentes da República, visitantes ilustres e outras pessoas notáveis. Andar pelos seus corredores era como transitar pela História. Nosso quarto ficava no sétimo andar, na parede uma imagem icônica do Pão de Açúcar, imponente e gracioso, que se renovava a cada dia. Bastava abrir a janela. Emoldurado pelo aterro do Flamengo e o céu azul da Baía de Guanabara.

Uma vez instalados, aconteceu-nos no hotel o motorista oficial, dali até o Palácio do Itamaraty, nosso teatro de operações. Agora a história era o presente. Adentramos o átrio caminhando ao largo do plácido espelho d'água, envolvidos pela bela arquitetura neoclássica.

Maravilha de cenário.

Ergui o queixo e fechei os olhos, procurando aspirar um pouco do passado de que foram testemunhas as magníficas palmeiras imperiais, perfeitamente alinhadas no grande pátio.

Ah, o Rio dos sambas e batucadas...

Cumpridas as breves formalidades de apresentação, logo fomos levados ao nosso ambiente de trabalho.

Nossa sala não era lá essas coisas, um pouco soturna. Não tinha janelas, como costumavam ser as salas de comunicação dos postos no exterior. Quando as tinha, eram blindadas, no mínimo, gradeadas. Enfim, viveríamos sob a luz artificial por aqueles dias.

Assim que se estabeleceram as comunicações via telex, as mensagens começaram

Continuação na página 4

a chegar, ou melhor, derramar. O teletipo não parava. Cada letra batida resultava em alguns furos na fita amarela, aquela que seria usada para passar na decifradora que cuspiria nova fita amarela a ser lida pelo teletipo, para imprimir o texto final em claro. A criptográfica era ligeira, mas o aparelho de telex, ao passo. Regular e paciente, parece que para testar a gente.

Uma lauda correspondia a alguns metros de fita. Sua versão cifrada era como se traduzida para o alemão, ficava sempre maior. Os telegramas mais analíticos tinham várias páginas. Havia uma técnica para se recolher a fita perfurada, a gente pega pela extremidade, fixa entre o polegar e a mão, e, com o auxílio do mindinho, vai fazendo uma espécie de carretilha que dá um formato de 8 à tira, ou infinito, melhor dizendo. A carretilha é muito prática e recolhe metros e metros de fita num instante. Na ponta inicial se anotava o número e origem do telegrama. Um grande clipe lacrava a mensagem. Era assim que se guardavam, temporariamente, os textos mais importantes, nos armários e cofres.

Mas não dava tempo de enrolar. À medida que íamos recolhendo fitas para decifrar (gerando nova fita), já vinham chegando mais telegramas. Logo a sala estava tomada por quilômetros de tiras amarelas amontoadas pelo chão, que davam bem um filme de efeitos especiais – um carro alegórico, quem sabe.

Estávamos dominados pelos tentáculos da informação, já naquela época. Era a serpentina que nos cabia.

Os resíduos da perfuração das fitas iam pouco a pouco enchendo a caixinha receptora com rodelinhas de aproximadamente 1 milímetro de diâmetro, que já era o nosso confete. Mas não podia atirar em ninguém, porque se pega no olho, olha o perigo. Um papel rígido e minúsculo... tampouco podíamos brincar com as serpentinhas, porque traziam em seus furos possíveis segredos de Estado, que podíamos estar jogando ao ar.

O teleimpressor era dotado de um rolo de papel em três vias e dois carbonos. A branca, mais legível por ser a primeira, se destinava aos arquivos, a azul e a rosa eram usadas para distribuição aos diplomatas. Não sei quantos metros tinha aquela língua, mas a circunferência do rolo dava uns 20 centímetros. Pense num tijolo cilíndrico. Pesava. O rolo era trespassado no centro por um canudo de plástico que se engatava pelas extremidades ao aparelho. Por ali es-

piavam nossas horas, sem horário certo de descanso, ao som do batuque metronômico e constante dos tipos, até a entrada do repinique — de energia. Batia uma síncope, a letra atravessava e o criptograma truncava. Só nos restava pedir bis. De novo, a mesma melodia... também o mundo, não para, e o rolo ia sendo trocado numa frequência igualmente nervosa. Mas todas aquelas notícias, de todo tamanho, tinham que ser entregues no mesmo padrão, ou seja, em papel A4. Era necessário cortar a longa língua na medida, triturava-se os carbonos e corria-se para a fotocopadora. Nossa pequena gráfica ficava numa saleta contígua, também sem janelas, onde iam se formando as coleções, normalmente duas por dia, salvo qualquer tema mais urgente que exigisse conhecimento imediato.

Estabelecemos uma escala básica de 8 horas de trabalho seguidas de 8 horas de descanso, intercalando de forma a ter sempre dois funcionários variando no front, ajustados às horas de maior demanda no dia.

É preciso reforçar que o planeta é redondo. E gira, dando a impressão de que o mesmo sol nasce em diferentes lugares e horários. Assim, no longínquo alvorecer de cada dia novos textos iam brotando, ao despertar dos antenados embaixadores, que têm a responsabilidade de comunicar os desdobramentos das últimas crises – ou analisar a probabilidade das próximas.

Com três dias de festa na Cidade Maravilhosa eu só pensava em sair no Pacotão pela contramão da W-3.

Ao se aproximar o término de nossa missão, veio a notícia que ninguém esperava, não as novidades da velha guerra fria que ameaça todos continentes, nem das guerras quentes em Angola e África afora... no Camboja. Ou, das pressões democráticas à nossa política interna. Não, para nós, nada disso poderia ter mais impacto, naquele momento.

Silveirinha resolvera prolongar seu descanso.

Na UnB dos eternos movimentos estudantis eu já me acostumara a escutar que a luta continua! Agora era noutra prática, mas na mesma toada. Sem choro nem vela.

Ao todo, ficamos 11 dias no Rio. De recordação mais genuína e vibrante daquele episódio trago uma partida de futebol no Maracanã, que conheci na ocasião, ainda movido a 200k. Depois de dias no claustro, mudar de recinto para aquele monumento vulcânico foi um tal choque de energia, que não lembro o resultado – nem dos times que

jogaram. Não era minha torcida. Mas deve ter sido no último fim de semana na cidade, após o término dos trabalhos, porque estávamos os três.

Do Carnaval, propriamente dito, teve uma madrugada quase dia, que me trouxe à memória um frevo de Antônio Maria, gravado em ritmo lento por Maria Bethânia: são maracatus retardados, que voltam para casa cansados, com seus estandartes pro ar... Estávamos chegando ao hotel e vinham caminhando pela rua uns rapazes alegres, de camisa aberta e calças brancas. E umas moças bonitas, em roupas coloridas. Focando a nesga de um sarongue, pude avistar uma perna. Uma perna só. E foi esse o melhor movimento do meu Carnaval 78. Não tive nem a chance de gravar o nome dela.

Vi através do vidro, a gente voltava da nossa folia laboral na Kombi do Ministério.

No ano seguinte a missão se repetiu no mesmo período, com outra equipe de amigos funcionários. Os protocolos de sigilo não estavam tão rigorosos, porém, e eles tiveram o apoio dos colegas do palácio. Tomei conhecimento de passeios pela praia de Copacabana, em sol a pino.

Se eu não fosse invejoso, teria esquecido isso.

E assim é a nossa vida por cá, às vezes suave confortável rotina, noutras, um carnaval de emoções.

MEMÓRIAS

Nara Fontes

Quando a memória busca seletiva histórias que tiveram nosso olhar coloca-nos no tempo a navegar sem admitir resposta negativa

Decerto que a lembrança em nós ativa desejo de viver de novo e dar novo sentido ao findo ao retomar uma emoção que já se fez cativa

Se no retrato antigo vê-se um rosto esquecido, guardando nosso encanto também aí repousa estranho gosto

De ver-se o mesmo sendo outro, enquanto saber-se tão igual, mesmo no oposto, custe ao olhar bem mais que mero espanto

“O ESGUIO PROPÓSITO” EM CERVANTES E DRUMMOND

Eurípedes Leôncio

O poeta mineiro retoma, em “As Impurezas do Branco”, de 1973, o personagem de Cervantes sob o olhar surrealista, concretista, dentro das inovações estéticas do Modernismo

A crítica a seguir visa demonstrar, resumidamente, as possibilidades de leitura do texto literário, onde intertextualizados revelam relações históricas, culturais, inovações estéticas e de linguagem, sob o prisma do comparativismo entre dois grandes autores, Miguel Cervantes, Classicismo espanhol e Carlos Drummond, Modernismo brasileiro.

A abordagem temática, a forma narrativa, quer na prosa, quanto na poesia, transformaram os dois escritores e suas obras como parâmetros revolucionários, ainda que separados por mais de 500 anos. Assim, justifica-se o estudo da literatura comparada ao revelar as relações entre autores e seus textos, nas duas literaturas, comprovando o seu conteúdo não estaque e regionalizado, mas amplo, universal, na dinâmica temporal. Optou-se pelo suporte crítico e filosófico quanto à análise em questão, principalmente a de Michel Foucault.

Um olhar identificador de dois tempos

A cultura não pode inventar para si um padrão de identidade, sem que a somatória de valores étnicos, sociais, históricos, artísticos, acoplem a sua formação de vida. Cultura não é exclusão, mas inclusão de valores intrínsecos e extrínsecos ao tempo e ao espaço que se manifestam.

O Renascimento foi mola propulsora para novas descobertas, vertentes criadoras, não um formalismo-racional permanente, visto que a verdade de cada momento só a ela pertence.

O emaranhado de dúvidas que sombreava a época medieval motivou o surgimento do cogito cartesiano, onde o racionalismo aparece entre nuvens negras de tortuosos caminhos, onde viandantes tateiam na busca de uma luz, um horizonte próximo, pois se sentem descartados pelas conveniências econômicas e políticas afetando sobrejamente a arte e a cultura.

O reflexo desse tempo secular provocara a proposta de um novo saber que mudou o rumo da dialética milenar no campo das ideias e do espírito científico, com reflexo nas artes, na literatura. Novas descobertas, novos métodos colocaram em dúvida o que se sabe e o que se produz com real valor. As pesquisas, os estudos de mestres do passado encontraram críticas e rupturas, explodindo contra as verdades e normas que foram alardeadas naquela época.

Nesse piscar do tempo, novas propostas surgiram reabilitando a palavra, a linguagem, como “morada do ser”. Sujeito e objeto, aquele que conhece e o que é conhecido tornam-se centro das atenções para evitar a decadência do ser e seu estado de expiação.

Comparativismo, criatividade e novo saber

Dom Quixote, de Miguel Cervantes, foi publicado em 1605, início do século XVII, e depois de longo interstício temporal, o poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade publica “As Impurezas do Branco”, em 1973, onde retoma o personagem de Cervantes sob o olhar surrealista, concretista, dentro das inovações estéticas do Modernismo. A questão da linguagem nos citados autores provocara uma verdadeira revolução ao unir as duas pontas do tempo, trazendo para o hoje um tema e uma mensagem que não se esgota: o personagem quixotesco, picaresco, no caso do espanhol, e do “gauche”, no caso de Drummond.

Verifica-se um novo tratamento concedido ao espaço, e uma fragmentação temporal, além da ordem sintática, desconstruindo os conceitos formais no campo gramatical, num envolvimento do leitor a decifrar tais enigmas, com isso, a narrativa, aparentemente desorganizada, assim como o poema de Drummond, surpreende mesmo os mais ferrenhos críticos. O poeta mineiro apreende e interpreta o mundo, e o leitor se vê tentado a reinterpretá-lo, criação e recriação.

A própria linguagem fala e dá a imagem dos dois grandes escritores, quer na prosa, quer no poema. Nesse intervalo temporal, nada foi combinado, mas intertextua-

lizado, numa somatória cultural, histórica, social, literária. Tanto que a narrativa de Dom Quixote se torna verdadeiramente a grande surpresa fora dos modelos classicistas, desde a apresentação e ação do Fidalgo Dom Quixote, engenhoso já nos primeiros capítulos:

“E assim, sem a ninguém dar parte de sua intenção, e sem que ninguém o visse, uma manhã antes do dia, que era um dos encalmados de julho, apercebeu-se de todas as suas armas, montou-se no Rocinante, posta a sua celada feita à pressa, abraçou a sua adarga, empunhou a lança, e pela porta furtada de um pátio se lançou ao campo, com grandíssimo contentamento e alvoroço, de ver com que felicidade dava princípio ao seu bom desejo” (Dom Quixote, Cervantes, página 34, Editora Nova Cultural, São Paulo, 2003).

O pensador e crítico francês Michel Foucault escreve com entusiasmo sobre a ruptura e ao mesmo tempo renovação que representou Cervantes e sua obra:

Dom Quixote é a primeira das obras modernas, pois que aí se vê a razão cruel das identidades e das diferenças desdenhar infinitamente dos signos e das similitudes: pois que aí a linguagem rompe seu velho parentesco com as coisas, para entrar nessa soberania solitária donde só reaparecerá, em seu ser absoluto, tornada literatura; pois que aí a semelhança entra numa idade que é, para ela, a da desrazão e da imaginação.” (As Palavras e as Coisas, Michel Foucault, 9 ed. Martins Fontes, São Paulo, 2009.)

É de se notar que com a revolução de Dom Quixote, no fim do Classicismo, no início do séc. XVII, só se obteve resposta acolhedora nos séculos XIX e XX, com o Romantismo e Modernismo, colocando o primado da imaginação criadora, da individualidade, da fantasia e sobretudo a inovação surrealista e para preencher este interstício, o poeta Carlos Drummond de Andrade, retrata poeticamente Dom Quixote, para acompanhar os desenhos de Portinari inseridos no livro de poemas *As Impurezas do Branco*, 1973, reconstruindo o universo

Continuação na página 6

imaginário de Cervantes, valorizando seu famoso texto e o personagem, a partir de uma riqueza criativa, estilística na relação intertextual.

Nos dois grandes autores, prosa e poesia redescobrem a palavra e o ser e os colocam como realidade e fantasia, mesmo num mundo com pensamento científico, nas duas épocas, mas se revelando em sonhos e loucuras para os olhos da razão. Cervantes não foi o escritor solitário, como o seu famoso personagem e Carlos Drummond captou a mensagem, a escreveu no mesmo cunho surreal dentro das inovações estéticas do modernismo,

explorando o espaço vazio, valorizando a palavra metaforicamente encaixada, dentro da verticalidade e horizontalidade que acompanha o herói no espaço físico e na ponta da lança, espetando o mundo, às convenções e os dois, num encontro que o tempo não sepultou, os consagraram como os maiores escritores, no tema e no caminho anunciado, revelando o verdadeiro ser humano, não mitificado, mas “gauchescamente quixotizado” e na conclusão de Foucault sobre o poeta:

“[...] o poeta é aquele que, por sob as diferenças nomeadas e cotidianamente previstas, reencontra os parentescos subterrâ-

neos das coisas, suas similitudes dispersas. Sob os signos estabelecidos e apesar deles, ouve um outro discurso, mais profundo, que lembra o tempo em que as palavras cintilavam na semelhança universal das coisas: a Soberania do Mesmo, tão difícil de enunciar, apaga na sua linhagem a distinção dos signos.” (As Palavras e as Coisas, p. 68).

Nos dois casos, do prosador e do poeta, o crítico justifica a criatividade e sua valorização que o tempo conduz, na espreita da captação em nova linguagem, sobre um mesmo tema, onde o ser humano é a razão maior da literatura e seu consequente comparativismo, uma prova da dinamicidade.

FUGA E MERGULHO DO POETA

Nirton Venancio

A poesia do romeno Paul Celan é marcada pelo trauma do Holocausto. Judeu nascido em uma cidade que hoje pertence à Ucrânia, Tchernivtsi, seus pais foram deportados para um campo de concentração, onde morreram, e ele preso na Romênia em 1941, onde ficou até 1944, quando as tropas soviéticas desmontaram as imensas cadeias.

O poeta passou a carregar o que se chamava “culpa do sobrevivente”, a “condenação” por ter escapado, viver com as lembranças dos horrores e testemunhado a morte de milhares. Escrever era o exercício de sublimação da alma estilhaçada, em eterna solidão com os fantasmas, pois, como disse em um verso de Cinzas, “Ninguém / testemunha pelo / testemunho”.

Fuga da morte é o poema que mais o identifica com o pretérito atormentado. Escrito em alemão, como toda sua obra, foi publicado em seu primeiro livro, *Papoula e memória*, em 1948. Paul Celan tinha se mudado para Paris, onde concluiu os cursos de filologia e literatura, iniciados em Bucareste, tornou-se professor universitário, casou com uma artista gráfica, Gisèle Lestrangé (1927-1991), e em 1955 teve um filho, Eric Celan, autor de um livro sobre a mãe.

Com longos versos sem pontuação, o poema é de uma grandeza comovente pelo

enlevo de imagens translúcidas, menções a personagens lendárias e analogias doloridas. São poucos os livros de Celan traduzidos no Brasil. Agora, nesse calor vespertino de lembrança em que escrevo, destaco alguns trechos do citado poema, publicado na coletânea *Cristal* (Editora Iluminuras, 1999):

- “Leitepretodamanhã nós te bebemos de madrugada”, referindo-se à fumaça dos crematórios;

- “quando escurece à Alemanha teus cabelos de ouro Margarida”, em alusão à jovem que na obra de Goethe seduz Fausto com joias materializadas pelo demônio;

- “nós cavamos uma cova nos ares lá não aperta”, sobre os mortos que dos fornos subiam aos céus e os jogados em covas coletivas.

O título do poema indica uma curiosa similaridade estrutural. As seis estrofes dispõem o ritmo de uma fuga, o estilo musical barroco. Um verso se anuncia como uma voz, que se remete mais à frente sobre outro verso e se encontram mais adiante com outros versos, formando vozes de um coro sobre o mesmo tema. As vozes de todos os campos de concentração sob o mesmo destino.

Paul Celan tinha 49 anos quando mergulhou para sempre nas águas do Rio Sena. Como apagando-se dos crematórios.

VOLTEI MENINA

Karoline Fernanda Marques

Voltei menina ao campo do cerrado
De pés no chão, com vento nos cabelos;
Ali, o tempo era um sonho amarrado
Nos galhos tortos, soltos paralelos.

Voltei menina, e ecoou na memória
O nome doce que o tempo silenciou;
A voz dela, um sopro, história e glória,
Cada sílaba em flor que me embalou.

Vi o ipê roxo em festa solitária,
A flor caindo mansa sobre a estrada.
O céu, vestido em azul de reza diária
Guardava a fé que a infância deixara.

Voltei menina, mesmo sendo mulher,
E no silêncio o mundo era mais claro.
A vida, enfim, tem tudo que se quer
Num chão batido, simples e tão raro.

Cerrado meu, raiz do que respiro,
Berço severo, fogo interior,
Em mim tu ardes, mas nunca te retiro:
És minha língua, meu sonho, meu ardor.

E se hoje escrevo, é só pra não perder
aquela menina que ainda insiste em viver.

UMA HISTÓRIA DE AFETOS, UMA LIÇÃO DE VIDA

sôniahelenah

Depois de Cartas com amor e O binóculo mágico Helena de Macedo, recentemente, brindou seus leitores com um novo romance: Exótica – Coisas do Mundo. E confirmou o seu estilo sutil, autêntico e quase onírico, já revelado nos livros anteriores.

Exótica – Coisas do Mundo, de modo interessante e bem estruturado, fala de três gerações de mulheres destemidas e aventureiras, Luísa, Inês e Victória, que enfrentam perdas e adversidades com destemor e se recriam de forma surpreendentemente confiante. A história prende a atenção e o recurso de usar três tempos distintos – a leitura das memórias de Luísa por Victória, os acontecimentos no momento em que ocorreram e, também, em lembranças, sejam de Luísa, de Inês ou de Victória – que poderia confundir um pouco o leitor, está bem dosado e dá certa dinâmica à narrativa, que não fica linearmente cronológica.

O número de personagens é suficiente para criar um conjunto diversificado de pessoas, sem se perder em minúcias sobre todas elas. A autora define claramente as figuras principais, protagonistas da história, e os coadjuvantes, mais ou menos atuantes, necessários para compor o ambiente e os relacionamentos.

O emprego de frases curtas, de linguagem direta e de muitos e variados diálogos cria uma dinâmica interessante, fazendo com que as mais de 400 páginas se apresentem leves e de leitura agradável.

A sensibilidade e delicadeza com que são apresentadas as situações mais sofridas e dolorosas chegam a ser comoventes. O misticismo e espiritualidade são apresentados de forma sutil e respeitosa, tanto no relacionamento entre as personagens do livro, quanto em relação ao leitor. A capacidade de superação, o espírito de compreensão e respeito ao outro (qualquer outro), a natu-

ralidade ao entender e desculpar, a disposição de se redescobrir sempre, todos esses ingredientes juntos criam uma aura em torno da família central do romance que salta aos olhos durante toda a narrativa.

Trazer para a história a creperia visitada por Luísa e Victória e, posteriormente, por Victória e João, tem um sabor especial para quem leu O binóculo mágico e lembra prática, além de muito explorada por Carlos Ruiz Zafón, várias vezes utilizada por José Saramago e Erico Veríssimo, para citar apenas dois dos grandes romancistas em língua portuguesa.

A força do afeto e do bem-querer exala de cada página, como a mola mestra a conduzir os acontecimentos, a fazer a tessitura do enredo e a enfeixar os sentimentos de todos os que convivem na Vivenda Vera.

Helena de Macedo merece aplausos pela linda história.

CENTENÁRIO DE ANÉZIA

Napoleão Valadares

Neste julho de 2025, houve uma grande festa em nossa família. Grande e bela. E não era para menos, porque se tratava da celebração dos cem anos de Tia Anézia. Ela nasceu no ano e mês em que a Coluna Prestes – que o povo chamava de Revoltosos – passou em nossa região. As pessoas se escondiam para evitar possíveis violências, conforme as notícias que corriam. Como todas as famílias, os pais de Anézia – Aristóteles e Adalgisa – tiveram, naturalmente, que se esconder com os filhos, alguns já grandinhos, e a criança recém-nascida.

Mas isso é coisa do passado. Ela, possivelmente, nunca mais se escondeu nem se esconderá. Ao contrário, sempre se mostrou prestativa, gentil, sorridente e amiga de todos. E assim foi quando, ali por volta de 1965, foram criadas várias pequenas esco-

las rurais para atendimento dos que moravam longe da cidade. Na fazenda Palmeiras foi criada uma. E a professora tinha que ser Anézia. Cerca duns quarenta alunos, talvez um pouco menos, beneficiaram-se dos ensinamentos daquela mestra paciente, tolerante, compreensiva, de fala mansa, que ensinava as liçõezinhas do curso primário, com dedicação e zelo.

Em nossa família ninguém tinha chegado aos cem anos. Aos noventa e tantos alguns chegaram. Mas cem... E agora Tia Anézia alcança essa idade, lúcida e com a cara boa. Tão lúcida que nos conta, com detalhes, as suas viagens da fazenda Tamboril, em Arinos, para o Colégio São José, em Formosa, onde estudou no início da década de 1940, quando tinha seus quinze anos. Iam ela, Anézia Valadares Carneiro, com as primas Maria das Dores Carneiro Valadares (Lia) e Maria Fernandes Valadares (Ma-

ria de Félix). Viajavam a cavalo, em várias marchas, as três moças acompanhadas dum parente varão, para tomar conta da turma, e um arrieiro, que cuidava da tropa e do cangueiro de cozinha. Iam, estudavam e voltavam nas férias para matar saudade dos seus. No outro ano, as mesmas jornadas.

Mas isso também é coisa do passado. Vamos à festa. Desta vez a moçada não brincou: organizou uma festa que, se fosse de jovem, poderia ser chamada de festa de arromba. Mas pode-se dizer que foi de arrombar emoções. A parentalha unida e reunida para homenagear Tia Anézia, tão idosa quanto bondosa. Gente que veio de distantes lugares. Gente que deixou tudo para trás a fim de ter a oportunidade de ver, talvez tocar, talvez receber a bênção da velhinha querida. Que Deus a abençoe também. Que ela continue feliz.

O HOMEM ASSASSINADO PELOS IMBECIS

Marcelo Torres

dizia que o trabalho é um flagelo bíblico;
que o natal é um orçamento;
que o trágico da amizade é a convivência;
que o amigo trai na primeira esquina;
que só o inimigo é fiel;
que, a rigor, só existe uma questão: ser ou não ser traído;
que o amor bem-sucedido não interessa a ninguém;
que todo tímido é candidato a um crime sexual;
que todo ginecologista devia andar de batina, sandálias e coroinha na cabeça;
que a família é o inferno de todos nós;
que o adjetivo era a sua tara estilística;
que a Europa é uma burrice aparelhada de museus;
que o europeu ou é um Paul Valéry ou uma besta;
que a grande dor não se assoa;
que, se Deus existe, o sexo é um detalhe;
que o sexo nunca fez um santo;
que Deus prefere os suicidas;
que o defunto começa a ser esquecido no velório;
que o brasileiro é um feriado;
que o brasileiro é um cafajeste de plantar bananeira até em velório;
que o homem só gosta do que comeu em criança;
que o adulto é o menino perene;
que o menino está enterrado no adulto como um sapo de macumba;
que ele mesmo era um menino que via o amor pelo buraco da fechadura;
que o pior da bofetada é o som;
que o tapa é o mais importante de todos os atos humanos;
que o bom gosto é uma virtude de quinta classe;
que ai do escritor que não use, de vez em quando, um mínimo de cafonice;
que só os profetas enxergam o óbvio;
que a carta anônima é a mais honesta das cartas;
que, sem sorte, não se chupa nem um sorvete;
que as grandes convivências estão a um milímetro do tédio;
que o casamento já é uma rotina antes mesmo de começar;
que um Dante só deveria ser lido por outro Dante;
que Os Sertões, de Euclides da Cunha, foi um Brasil vomitado;
que não há, na obra de Guimarães Rosa, uma só curra;
que não há, em todo o Machado de Assis, uma única referência à escarradeira;
que o mal da literatura brasileira é que nenhum escritor sabe bater um escanteio;
que o grande acontecimento do século foi a ascensão espantosa e fulminante do idiota;
que ele próprio era, sempre foi, um anjo pornográfico;
e que, se tivesse de escolher um epitáfio para seu túmulo, optaria pelo seguinte: AquijazNelsonRodrigues, assassinado pelos imbecis de ambos os sexos.

POEMAS DE MARCOS FREITAS

CINCO ESTRELAS

senhor da guerra
o medo, sabemos, é tua arma mais
poderosa
só não mais que nossas utopias
transcontinentais
senhor da guerra
teu míssil – um dia – explodirá no vazio
do teu túmulo de flores amarelas
senhor da guerra
nada, porém, nada impedirá
nossos sonhos de paz

MÍSSEIS HIPERSÔNICOS

os surdos
senhores da guerra
de alma crua
e nua
em plena rua
sempre
sempre
sempre
erram o alvo

NO MAR DE CAYMMI

Noélia Ribeiro

Tem algo dentro do mar
Nem enguia nem arraia
Tem alguém dentro do mar
a seduzir memórias
de peixes alinhavadas
no manto espumoso da infância
Tem algo dentro mar
Ondas sonoras
híbridas de furor azul
em gigante realejo de sal
Tem alguém dentro do mar

Doce mar bonito
em que se morre ao cantar

BREVIÁRIO DE JOSÉ CÂNDIDO DE CARVALHO

Gilmar Duarte Rocha

Dia desses, arrumando a minha modesta biblioteca, resolvi dar mais atenção às produções literárias brasileiras, que acomodo aleatoriamente na parte baixa da estante, dado o constante movimento de entra e sai de livros. Mexendo na parte subalterna da última prateleira, resgatei um livro antigo que trouxe na minha bagagem de mudança de Salvador para Brasília, há mais de vinte anos. Era o romance *O coronel e o lobisomem*, edição José Olympio, 1985, do autor fluminense José Cândido de Carvalho.

Essa obra, originalmente publicada em 1964, é brilhante, inusual e inusitada para o padrão de romance da escola modernista brasileira. Carrega em suas páginas toda a verve de José Cândido; a sua irreverência, picardia, inventividade, sarcasmo e genialidade. O livro conta a história do coronel de patente (como o próprio personagem se apresenta) Ponciano de Azeredo Furtado que se muda da roça para a cidade e leva consigo todo o seu universo provinciano: os costumes rudes e às vezes grosseiros; a fanfarrônica crônica; o tratamento burlesco às pessoas e, sobretudo, a mania de contar histórias picarescas, como a luta bizarra com uma onça brava e, até mesmo, o enfrentamento contra um lobisomem em carne, osso, garras afiadas e papo furado. Essa composição literária teve reconhecimento imediato da crítica, recebendo diversos elogios:

“Romance que é uma obra-prima”, de Rachel de Queiroz e Ariano Suassuna.

“Não hesito em colocar *O coronel e o lobisomem* entre os melhores romances de todos os tempos”, de Érico Veríssimo.

“É da mais alta qualidade literária, combinando o realismo dos costumes rústicos, muito bem observados, com uma penetração psicológica que o coloca entre os dois tipos de romance — o objetivo e o subjetivo...”, de Alceu de Amoroso Lima.

José Cândido de Carvalho, nascido em Campos dos Goytacazes, em 05/08/1914, foi o quinto ocupante da cadeira XXXI da Academia Brasileira de Letras, sendo recebido por seu amigo Herberto Sales, na sucessão da vaga do poeta Cassiano Ricardo.

J.C.C. era filho de imigrantes portugueses, o comerciante Bonifácio de Carvalho e Maria Cândido de Carvalho, que se fixaram no norte do estado do Rio de Janeiro, na região de Campos dos Goytacazes. Aos oito anos, por motivo de doença do pai, veio morar algum tempo no Rio de Janeiro, onde

guardou lembranças memoráveis do então Distrito Federal, com toda a sua efervescência dos anos 1920, das exposições internacionais, dos eventos culturais e, principalmente, dos jornalistas e escritores que fervilhavam nas ruas da cidade feérica.

Voltou a Campos tempo depois onde continuou os estudos em escolas públicas. Nas férias, trabalhava como ajudante de farmacêutico, cobrador de uma firma de aguardente e trabalhador de uma usina de açúcar.

Com a deflagração da Revolução de 30, José Cândido trocou o comércio pelo jornal, dando início à atividade de jornalista, inicialmente como revisor do jornal *O Liberal*. Entre 1930 e 1939, exerceu funções de redator e colaborador em diversos periódicos de Campos, como a *Folha do Comércio*, onde conheceu um dos mais talentosos jornalistas de sua geração, Raimundo Magalhães Júnior; *O Dia*, no qual passou a comentar a política internacional, e ainda a *Gazeta do Povo* e o *Monitor Campista*. Admirador dos escritores do novo romance regionalista, em especial Rachel de Queirós e José Lins do Rego, começou a escrever, em 1936, o romance *Olha para o céu, Frederico!*, publicado em 1939, pela Editora Vecchi. Concluiu os seus estudos de segundo grau no Liceu de Humanidades de Campos e foi para o Rio de Janeiro estudar e conquistar o diploma de bacharel em Direito, em 1937, pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro.

Passou a morar no Rio, em Santa Teresa, ingressando na redação de *A Noite*, um jornal de quatro edições diárias. Como funcionário público, conseguiu um cargo de redator no Departamento Nacional do Café, mas ali ficou por pouco tempo. Em 1942, Amaral Peixoto, então interventor no Estado do Rio, convidou-o a trabalhar em Niterói, para assumir a redação do jornal *O Estado*, um dos grandes diários fluminense, lugar onde também passa a residir. Com o desaparecimento de *A Noite*, em 1957, vai chefiar o copidesque de *O Cruzeiro* e dirigir a edição internacional dessa revista de projeção nacional, substituindo Odilo Costa, filho.

Vinte e cinco anos depois de ter publicado o seu primeiro romance, José Cândido de Carvalho lança, em 1964, pela editora vinculada ao semanário *O Cruzeiro*, o romance *O coronel e o lobisomem*, obra-prima da ficção brasileira, que obteve enorme sucesso, conforme já comentamos aqui. A publicação de sua magnum opus rendeu-lhe projeção nacional, com seguidas edições, assim como

internacional, tendo sido lançada em Portugal e traduzida para o francês, o inglês, o alemão e o espanhol. Amealhou o Prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro, o Prêmio Coelho Neto, da Academia Brasileira, e o Prêmio Luísa Cláudio de Sousa, do PEN Clube do Brasil.

A partir daí, a sua carreira literária deslanchou de vez, alternando a publicação de livros e artigos com funções públicas em caráter de nomeação, durante as próximas duas décadas.

José Cândido de Carvalho veio a falecer em Niterói, em 5 de agosto de 1989, deixando um precioso legado para a cultura nacional, com seus artigos e crônicas memoráveis e os seus livros incisivos e despojados, sempre embasados de muita brasilidade e do espírito do povo da sua terra.

Além do clássico *O coronel e o lobisomem*, o escritor fluminense publicou:

- *Olha para o céu, Frederico!* (1939);
- *Por que Lulu Bergantim não atravessou o Rubicon*, contos reunidos (1970);
- *Um ninho de mafagafes cheio de mafagafinhos* – contos (1972);
- *Ninguém mata o arco-íris* – crônicas (1972);
- *Manequinho e o anjo da procissão* (1974);
- *Se eu morrer, telefone para o céu* – contos (1979);
- *Notas de viagem ao Rio Negro* (1984);
- e
- *Os mágicos municipais* (1984).

No discurso de posse de J.C.C. na ABL, Herberto Sales cita em certo trecho que o que o seu pai tinha o hábito de ler muito à noite, e ele, Herberto, curioso, sempre perguntava o que o seu pai estava lendo e se ele estava gostando do que lia:

— Uma pinoia — quase sempre o seu pai respondia. Certa noite, porém, ele notou que seu velho lia atentamente uma pequena brochura da capa amarela que ele havia recebido através do serviço de reembolso postal. Como sempre, Herberto fazia a pergunta habitual:

— Muito bom. Interessante — respondeu o seu pai, para sua surpresa. Depois o velho teceu comentários elogiosos à obra sem citar o nome do autor, para completa estupefação do filho. Após seu pai largar o livro em cima de uma mesinha e ter ido dormir, Herberto, curioso, acendeu a luz da lamparina e vislumbrou a capa do livro: *Olha para o céu, Frederico!*, José Cândido de Carvalho.

DONA MAROQUINHA

Flávio R. Kothe

Dona Maroquinha estava na postura típica que a tornava conhecida e temida em toda a vila e arredores: com os cotovelos apoiados num travesseiro que estava no peitoril da janela da sala e mirava para os dois lados da rua principal. Ela via tudo o que subia ou descia: gente, cachorro, burro, bicicleta. Como a casa que herdara dos pais ficava no topo da coxilha, quem subia e quem descia tinha na figura da velhinha uma referência, seja para subir mais rápido, seja para descer tão rápido quanto pudesse. Todos a cumprimentavam, mais por temor que por amor.

Os cotovelos apoiados no travesseiro sustentavam na aba das mãos o queixo enrugado, os lábios céticos, o bigode entre nariz e boca. Os olhos escuros pareciam de gavião: nada lhes escapava. O que escapava, eles inventavam. Assim, cada vez mais acabavam inventando tudo, sem ver nada. Pessoas e bichos eram apenas pretexto para histórias que ela ia se contando, como se a vila fosse uma fonte constante de novelas que a televisão havia esquecido de filmar.

Quando alguém parava na calçada, debaixo da janela famosa, logo podia ouvir um capítulo das novelas que Dona Maroquinha ia inventando, mas também podia saber das últimas novidades da vila. Todos lá se conheciam. Ninguém escapava de um fuxico.

Havia quem duvidasse do seu nome. Não era nome de batismo. Também não era Mariquinha, como alguns incautos ousaram pronunciar. Menos ainda Maruquinha, como quiseram inventar uns músicos, saudosos da antiga marcha de carnaval: “Vamos, Maruca, vamos!”

O apelido pegara tanto que nem a dona dele lembrava bem o próprio nome. Algo como Carmo, mas isso parecia nome de homem. Talvez fosse Maria do Carmo, mas quem se chamava Maria já nascia sem nome, de tanta Maria que então havia.

Maroquinha sabia da vida, doença e morte de todo o mundo. Todos se sentiam vivos enquanto estavam sob suas pálpebras, e se sentiam importantes quando seus nomes passavam por aquele par de lábios murchos. Temiam o futuro quando aquelas pálpebras despencavam sobre eles.

A rua principal tinha esse nome porque ficava no meio: havia ainda uma rua

à sua esquerda e outra à direita. Daí a vila acabava, e não crescia. Nascia mais gente do que morria, mas quem podia ia embora, tentar a vida na capital ou numa cidade maior. Não havia um quartel ou agência do Banco do Brasil que trouxessem rapazes casadoiros para as donzelas da vila. A donzelice ainda era virtude, mas podia não valer nada por falta de procura. Os rapazes, quando tinham uns trocados, iam até a cidade de Vila Boa, onde havia um putedo afamado, com música ao vivo nas sextas e sábados à noite. Voltavam contando vantagem e invejados pelos adolescentes sem pila.

Enquanto Maroquinha era visível, podia ser temida, mas ainda não era tão terrível, como quando se recolhia para a solidão sombria do sofá, onde tecia enredos que não deviam ser contados. Mesmo assim, ela os contava quando topava alguém, como o entregador de leite ou o rapaz da padaria. Mais terrível ela se tornou quando ganhou no Natal um par de binóculos.

Assim descobriu que um grupo de adolescentes estava se reunindo num terreno baldio ladeira abaixo. Ficavam sentados em círculo, com as calças arriadas, inspirados por uma moça que dançava no meio, mostrando pedaços cada vez maiores das coxas. Com o binóculo, Maroquinha conseguiu identificar um por um os heróis da disputa por ejaculação à distância, mas não contou nada a ninguém. Se queriam ir para uma Olimpíada, problema deles.

Apenas chamou, um por um, os rapazes para uma conversa. Contou o que havia visto, quem estava lá e quem não estava. Assim, ela conseguiu serviços, pelo resto da vida, para tudo o que precisasse. Eles ficaram com fama de serem bons rapazes, que cuidavam de senhoras idosas. Se arranjaram.

A moça se chamava Esmeralda e ficou tão afamada – pelo falatório dos alpinistas que não alcançaram o topo das coxas – que acabou dando nome à vila, onde nunca havia dado uma única esmeralda, mas teve essa Esmeralda que, diziam as más línguas, dava para todos, mesmo que não tenha dado para ninguém, pois logo se enojou do que via, se arrependeu dos pecados da carne e foi para um seminário de freiras. O historiador da vila registrou o fato num caderno que ninguém leu, e todos se esqueceram da história.

O nome, porém, ficou. Passam os fatos, ficam os nomes.

Enquanto os rapazes iam se casando, ficou solteirão o comandante da tropa conhecido por Mão de Veludo. Quando virou quarentão, decidiu construir um observatório de estrelas no alto de um morro próximo. Construiu sozinho, sem ajuda de ninguém, tijolo por tijolo, uma torre, de onde no alto se via um cano grosso apontar para o céu. Nunca deixou ninguém entrar lá, mas no botequim falava de estrelas e constelações, que ele dizia ter observado com o telescópio, mas cujo nome aprendera num antigo almanaque.

Dona Maroquinha, já idosa, fez o que podia para descobrir o que se passava nesse observatório do céu. Arrastou-se, com muletas e binóculo, para perto da torre, e descobriu, para seu espanto, que o astrônomo não olhava as estrelas, mas dirigia o visor do telescópio para os chuveiros em que as moças e senhoras da vila iam tomar seu banho ao anoitecer. Se era Mão de Veludo, Mão de Veludo ficou, mesmo depois que a inventora do apelido já partira para o além.

RAZÃO E

SENSIBILIDADE

Ronaldo Costa Fernandes

Se a casca é dura,
mole é o desejo
que é feito do miolo
mais duro.
Mole é meu pensamento
que dá água aos olhos.
Mole é meu ódio
que se amolece com a delicadeza
que é uma improvável
espada feita de seda.
Se a vida se fez dura,
sempre busquei acetinar o destino.
Minhas sensações
são uma forma de pensar.
Também não penso
com toda – toda, digo –
casca de dentro.
Tenho um coração mole
num miolo mole.

O ENGAJADO VALTER HUGO MÃE

Vera Lúcia de Oliveira

Valter Hugo Mãe (1972 -) é um dos excelentes escritores modernos de Portugal. Multiartista nascido em Angola, como Pepetela e Eduardo Agualusa, que encantam os leitores, destaca-se pela originalidade, graça e engajamento.

No premiado *a máquina de fazer espanhóis* (RJ: Globo, 2016, com o belo Prefácio de Caetano Veloso), Mãe desperta a curiosidade do leitor já no intrigante título. Que máquina seria essa? A resposta está na história do país, em passagem contada em passant, sutilmente. História que lembra o passado longínquo de submissão da corte portuguesa ao domínio da poderosa Espanha nos séculos 16 e 17 mais o passado recente da feroz ditadura salazarista que, como todo regime autoritário, deixa a população encolhida, covarde mesmo. E não haveria esse romance se não fosse a resistência dos que, lúcidos, não se deixaram cooptar pelo regime; é o que nos diz o livro.

Mãe toca na ferida dos portugueses já no primeiro capítulo ao falar do “fascismo dos bons homens”, aqueles que defendem a liberdade (deles), a família (deles), a religião (deles) e a pátria (não importa quem a domine). Todos honestos e trabalhadores como o protagonista antónio jorge da silva – assim mesmo: com iniciais minúsculas, como de resto todos os nomes próprios para, segundo o autor, favorecer a oralidade do texto e democratizar “numa utopia de igualdade”, até o próprio nome. E mais: sem sinais de interrogação e exclamação ou travessões indicadores de mudança de interlocutor nos diálogos. Essa oralidade não é novidade, sabemos, pois os leitores de Saramago já estão familiarizados com esse recurso. Mas continua interessante, pois exige atenção redobrada e participação ativa do leitor.

antónio jorge da silva, cidadão comum, de nome comum, mais um silva, como a planta comum em Portugal e no Brasil, é o personagem que sustenta a narrativa, e sustentaria ainda que estivesse sozinho, dada a sua força e pluridimensionalidade. Barbeiro por profissão, pai de família exemplar, marido apaixonado, vivia no seu mundo particular, sem incomodar e sem ser incomodado. Até

que um dia, nos idos de 1960, deu guarida a um jovem fugitivo em sua barbearia. Até que um dia, deixou a mulher amada no hospital. Até que um dia foi deixado no “feliz idade”, abrigo de idosos onde conheceu pessoas interessantes como o esteves sem metafísica – pasmem! saído do poema “A tabacaria”, do Álvaro de Campos, Fernando Pessoa. Esse recurso literário, do mise en abîme, espécie de espiral dentro da obra, é, no romance, muito divertido. O personagem centenário do famoso poema surge, para surpresa de antónio silva, cheio de metafísica, passagem sutil apreciada, pensamos, somente por leitores iniciados. O bem-humorado antónio silva faz ainda graça com Nossa Senhora de Fátima chamando-a de “mariazinha”; escreve cartas de amor para a pobre dona marta, mulher esquecida no retiro pelo marido, passando-se por este, o que a enche de felicidade; e diverte os companheiros no lar dos velhinhos com suas tiradas inteligentes de ateu provocador.

Mãe consegue algo difícil: tornar a leitura cada vez mais atrativa e o enredo cada vez mais substancial, em um espaço limitado fisicamente, apenas com a conversa de poucos personagens e suas lembranças, mas com a força que só os grandes livros têm. Em meio a ironias e conversas divertidas ou mal-humoradas (o que é muito divertido também), os idosos com suas idiossincrasias formam um minipaís, um pequeno Portugal, tanto pelas convicções políticas divergentes, quanto pela religiosidade (ou falta de); todos, porém, a um passo do desembarque final do trem da vida. E o melhor: o livro passa longe do didatismo, da famigerada autoajuda, com supostas lições de vida dadas por idosos experientes, pois o que queria de fato o senhor antónio silva era desaprender... O realismo d’a máquina de fazer espanhóis é literário. Os personagens comovem por seu humanismo sem heroísmo. Todos bons e todos maus, como toda a gente:

Somos bons homens, não digo assim que sejamos uns tolos, sem a robustez necessária, uma certa resistência para as dificuldades, nada disso, somos genuinamente bons e ainda conservamos uma ingênua vontade de como tal sermos vistos, honestos e trabalhadores. (p. 25).

Assim começa a narrativa com o depoimento do silva, bom cidadão, pacífico pai de dois filhos, que conheceu a pobreza extrema e tem pesadelos horríveis com abutres debicando-lhe a corpo.

Para uma análise rigorosa desse romance, precisaríamos aprofundar os estudos psicanalíticos (a começar pelo nome artístico “Mãe”, em substituição ao sobrenome Lemos do autor), bem como os estudos políticos e literários, uma vez que o autor mergulha tanto na psique dos personagens quanto na história do país, juntando as duas pontas que unem o ser humano, indivíduo e ser social. Duas pontas da vida, sutilmente mostradas nas duas alas do edifício, a direita voltada para o parque onde brincam as crianças e a esquerda voltada para o cemitério, como bem observou antónio silva, que, revoltado, passou a habitar o lar onde viviam noventa e três idosos, “o lar de “feliz idade”, assim se chama o matadouro para onde fui metido, que irônico nome (...)”. (p. 66).

Mas, após a revolta inicial, descobriu a simpática convivência, a amizade dos companheiros, que é o que resta quando a família dá as costas para os seus velhos que teimam em não largar o osso... Essa foi, disse ele, uma outra família pela qual eu não poderia ter esperado. unida sem pareências no sangue, apenas no destino de distribuímos a solidão uns pelos outros. distribuída assim, a solidão de cada um entregue ao outro, era tanto quanto família. era uma irmandade do coração, uma capacidade de se ser leal como nenhuma outra. (...) nunca eu teria percebido a vulnerabilidade a que um homem chega perante outro, nunca teria percebido como um estranho pode nos pertencer, fazendo-nos falta. não era esperada aquela constatação de que a família também vinha de fora do sangue, de fora do amor ou que o amor podia ser outra coisa, como uma energia entre as pessoas, indistintamente, um respeito e um cuidado pelas pessoas todas. (pp. 250 e 251).

Com o companheiro anísio franco, aprendeu a diferença entre a igreja e a fé; do silva da europa, ouviu que “a igreja é uma instituição pançuda que se deixou confortavelmente sentada ao lado de Salazar” (p. 128), e que há um “fascismo indelével em achar

que antigamente é que era bom. Este é um fascismo remanescente que vem das saudades (...)” (p. 129). Aprendeu, com a bondade dos funcionários, como o américo e o doutor bernardo, a aguentar enquanto fosse possível o seu destino.

Sem perder a lucidez, do alto de seus oitenta e quatro anos, antónio silva vê a situação política de Portugal que, naquele momento economicamente difícil, na condição

de periferia do continente europeu, com salários aviltantes, era “um país de cidadãos não praticantes” (p. 167), pacificado pela ignorância, como disse o silva da europa. Teve memória ainda para lembrar-se de que fora também uma peça na engrenagem da máquina salazarista e que, em sua covardia, portara-se, como tantos, como “um porco” (p. 188), segredo que guardara para si daquele tempo infame de Salazar. E pediu ao amigo anísio que, ao morrer, não trouxesse padre ou rezas,

para ter a certeza de que não iria para o céu...

Esse livro de escrita magnífica, que recebeu o honroso Prêmio Portugal Telecom de Melhor Romance do Ano em 2012, trata de temas sensíveis e tocantes como a amizade, a solidão, a velhice, o abandono e a proximidade da morte. Mas num contexto em que o mea culpa faz toda a diferença.

O VELHO DA KURFÜRSTENDAMM

Raul de Taunay

Acordei como um mocho sorumbático, ainda atado ao roteiro de abominações da véspera: uma agenda de visitas guiadas à Ilha dos Museus, ao Portão de Brandemburgo, ao Palácio do Reichstag, à Potsdamer Platz e tantos outros pontos turísticos que, inclusive, já conhecia. Protelei entre os lençóis, me estiquei na ducha e desci para tomar um café reforçado que mal consegui engolir. Em seguida, saí para a rua gelada, com os dentes tiritando, e pus-me a perambular até atingir a avenida Kurfürstendamm, a mais larga e longa via da cidade de Berlim. Nem mesmo me dignei em reparar a sucessão de lojas, hotéis, cafés e restaurantes enfileirados sobre a calçada. Não sentia a menor vontade de comprar ou consumir, assim é que fiquei observando o movimento da avenida com aquele nome impronunciável, que no idioma alemão penso significar O Príncipe da Corte. Todavia o meu humor não estava pendendo para a ledice da nobreza alemã; sentia-me mais próximo do Corcunda de Notre Dame do que do príncipe que inspirara o nome daquele bulevar. Com a ideia fixa de tornar-me invisível, percorri alguns quarteirões até chegar a um cruzamento movimentado, onde, por acaso, avistei um velho apoiado em sua bengala, com uma curiosa expressão de indecisão. A sua fisionomia era a de quem estava para fazer algo que não queria. Intrigado, parei para observar. À primeira vista, pareceu-me apenas um mendigo numa esquina, mas não era. Pensei então que fosse um camelô ambulante, entretanto, também não era. Seria um cego? Não saberia dizer. Trazia a mão direita fechada contra o peito e a cabeça abaixada: a própria imagem do abandono. Por achá-lo enigmático, me aproximei para ver melhor. O ancião permanecia imóvel, os olhos baixos, tiritando de frio, a mão aperta-

da contra o peito magro. Parecia sofrer intensamente uma crise de indecisão. Finalmente, abriu a mão e esticou o braço, na posição de quem estaria esmolando, contudo, num estalo, recolheu a mão, rapidamente, e apertou-a contra o peito, como se estivesse aviltado, os olhos, a cara, o corpo inteiro confundido pela vergonha. Foi o suficiente para que, naquele instante, eu penetrasse na sua consciência e experimentasse, dentro de mim, o conflito do velho. Uma realidade que só eu estaria presenciando e o idoso vivendo, em meio à multidão indiferente da avenida. E, acoplando em mim o pensamento do ancião, fiquei imaginando o que dizia ele para si próprio.

“Vamos, meu velho, decide-te. É preciso que haja uma primeira vez. Quer você goste ou não, é necessário que o faça. Quanto mais você demorar será pior.”

Aos poucos, o drama aumentava. Ele prosseguia no seu monólogo, ao qual unicamente eu tinha acesso.

“A partir de agora você será obrigado a fazer isso todos os dias. Agarra-te a essa ideia, meu velho... todos os dias, todas as horas de tua vida, até o fim.”

O monólogo prosseguia em minha mente de forma surreal, embaçado em agonia.

“Muitos, como você, o fazem e nada de grave acontece. A quem pode incomodar um mendigo a mais nas avenidas? Há tantos, de tantas cores, de tantas origens, no mundo inteiro. Todos levaram pancadas da vida.”

Custava a acreditar no que supunha ouvir.

“Coragem, velho, você verá como é fácil depois da primeira vez. Não precisas dizer nada, basta estender a mão outra vez, assim!”

Como por mágica, o velho esticou a mão novamente, como se estivesse participando da minha fantasia. E o fez por pouco tempo, pois não tardou a recolhê-la, mais uma vez, bem

fechada, amassada contra o peito.

“Velho idiota, não é o caso de querer ou não querer. Você tem de fazê-lo, não há alternativa; é preciso sobreviver, com o coração partido ou não.”

Mal conseguia dissimular a minha consternação. A vida praticava uma cartada dolorosa e, por telepatia, eu conseguia escutar de modo claro e nítido.

“Você é um ancião e está só. Ninguém mais te conhece. Não há por que se envergonhar. A vida é assim mesmo, ou você mendiga ou morre. Vamos, seu velho teimoso, abaixo esses escrúpulos. Estende a mão!”

Daquela vez, o ancião a deixou estendida.

“Isso, assim mesmo, bem aberta para que as pessoas a vejam. O importante é começar; é o momento mais difícil. Depois, te habituas, velho tolo.”

Naquele instante, um passante colocou uma moeda na palma da mão do velho. Como se estivesse ferido por um golpe mortal, o mendigo estremeceu e tornou a fechar a mão contra o corpo, contraindo o rosto cheio de rugas. De seus olhos embaçados, escapou-lhe uma lágrima. Meus olhos também se encheram delas e, respirando fundo, andei até o velho e deposei uma nota de cem euros em sua mão estendida.

– Não fique embaraçado, vovô. Não há vergonha em pedir ajuda. Quem pode dá, quem não pode dá mais tarde.

Ainda ouvi o velho agradecer efusivamente ao distinguir o valor da esmola, contudo eu já andava longe; a doação havia sido, no fundo, do velho para mim. Não me sentia mais acabrunhado. Tinha agora novo ânimo para despetalar as camadas e mais camadas densas que nos atingem até o cerne. Entrei num cinema, comprei pipoca e refrigerante, e acabei dormindo no meio do filme.